

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JOÃO BOTELHO – OS FILMES SÃO HISTÓRIAS, O CINEMA É A MANEIRA
DE AS FILMAR
15 de Setembro de 2022

A TERRA ANTES DO CÉU / 2007

Um filme de João Botelho

Realização: João Botelho / Textos de Miguel Torga / Direcção de Fotografia: João Ribeiro / Música: Jesus Legido, Rudesindo Soutelo, Fernando Lapa, Eurico Carrapatoso, Paulo Vaz de Carvalho, Carlos Azevedo / Som: Francisco Veloso / Montagem: Vanessa Pimentel / Interpretação: José Pinto.

Produção: Ar de Filmes / Produtor: Alexandre Oliveira / Cópia video, colorida, falada em português / Duração: 63 minutos / Inédito comercialmente em sala – Exibição televisiva na RTP.

PARA QUE ESTE MUNDO NÃO ACABE / 2009

Um filme de João Botelho

Realização e Argumento: João Botelho / Direcção de Fotografia: Paulo Menezes / Som: Francisco Veloso / Montagem: João Braz / Interpretação: Marcello Urgeghe, Maria Archer, João Poças.

Produção: Ar de Filmes / Produtor: Alexandre Oliveira / Cópia video, colorida, falada em português / Duração: 54 minutos / Inédito comercialmente em sala – Exibição televisiva na RTP.

Dois filmes que constituem as primeiras partes de uma trilogia mais ou menos informal (enquanto “trilogia”) que João Botelho dedicou a Trás-os-Montes. Alguns aspectos preambulares vêm de imediato ao espírito. O primeiro, o rasto que Trás-os-Montes deixou no cinema português, e no cinema português que Botelho reconhece, personificado à cabeça pelos **Trás os Montes** de Reis e Cordeiro – estes filmes, e sobretudo o segundo, são também um reconhecimento, se não mesmo um agradecimento, da existência daquele filme, entre a homenagem (discreta) e a procura de um caminho para além dele. Depois, segundo aspecto, lembrar que o cinema de João Botelho (como por exemplo o de Paulo Rocha e Fernando Lopes) está sempre a ziguezaguear entre os espaços urbanos e a ruralidade, os filmes “de cidade” e os filmes “de campo” frequentemente alternando. Embora o registo e o fôlego sejam completamente diferentes, Para que Este Mundo não acabe contém elementos suficientes (a relação entre o humano, ou até a intimidade humana figurada pelo casal protagonista, e a agreste imponência da natureza) para que se insira o filme numa linhagem que tem por exemplo em **Aqui na Terra**, filme dos anos 90, um momento proeminente.

Quanto aos filmes, mais directamente, e até pelo seu carácter documental (não no sentido em que sejam “documentários” numa lógica estrita de género, mas porque procuram “documentos” e, através dos textos lidos na banda de som, assentam parcialmente também em “documentos”), eles são outra manifestação de uma preocupação de sempre em Botelho – como filmar o “mundo natural” (ou o “mundo cultural”, que aqui é quase o mesmo) sem trair a sua espontaneidade ou a sua genuinidade mas também sem cair no “naturalismo”. A questão do texto – que é um princípio de resposta a esta preocupação - é especialmente importante em **A Terra Antes do Céu**, filme centrado na figura e na obra de Miguel Torga, e enquanto tal, perfeitamente em linha com uma vertente do trabalho de Botelho que tem sido crucial nos seus últimos filmes, em particular aqueles que são dedicados a obras, ou a escritores, definidos com precisão. À evocação heterodoxa de Torga – que através da “composição” de José Pinto não deixa de evocar a sombra de outro autor português caro a Botelho, evidentemente Manoel de Oliveira – em modos de “petit théâtre” Botelho acrescenta um diálogo com a música, em longas cenas de canto e orquestra, um tipo de diálogo que tem vindo a ganhar importância nos filmes de Botelho (como se pode atestar nos recentes **Peregrinação** e **Um Filme em Forma de Assim**).

Em **Para que Este Mundo não Acabe** uma frase várias vezes repetida ainda nos momentos iniciais ficar a pairar como uma espécie de leit-motiv: “Deus é bom, mas o Diabo também não é mau”. É provavelmente um dito recolhido na tradição oral transmontana (o genérico de fecho menciona essa tradição como uma das fontes do texto dito no filme), e tem ressonâncias curiosas de uma frase de Teixeira de Pascoas que um óptimo filme português recente e também rodado por paragens próximas (o **Bostofrio** de Paulo Carneiro) punha como epígrafe: “Deus e o Diabo são incompatíveis em toda a parte, excepto em Portugal”. Duas frases que não dizem bem o mesmo, mas dizem quase o mesmo, sobretudo quando aplicadas a um filme como este e a uma região como esta, cujos “segredos”, mesmo os que estão mais à vista (as lápides, as ermidas, os objectos fúnebres, os restos ou depósitos de camadas de tradições culturais onde se “compatibilizam” paganismo e catolicismo, o “que é bom “ e “o que também não é mau”) parecem sempre escapar ao alcance do casal citadino em viagem, eles que são como dois extra-terrestres em busca de um reconhecimento (que rima com a procura de um reconhecimento “interno”, o deles próprios dentro da sua relação). Este ténue fio ficcional sustentado pelas personagens de Marcello Urgeghe e Maria Archer não ilude o que é essencial para o filme: captar a beleza contraditória (uma contradição que não é apenas cultural, é também filosófica e económica, é por exemplo entre “pobreza” e “riqueza”) daquela região, constituir-se em “arquivo”, para que este mundo não acabe ou, pelo menos, para que deste mundo a memória se não extinga.

Luís Miguel Oliveira